

Silas Malafaia, a Associação Vitória em Cristo e a defesa da família tradicional.

JONAS CHRISTMANN KOREN*

Resumo

Nesse artigo pretendemos compreender o cerne ideológico da Associação Vitória em Cristo (AVEC) e de seu líder o pastor Silas Malafaia no que se refere a defesa da família tradicional. Através de seu programa de televisão e da internet o pastor defende posturas de um conservadorismo explícito e vem se destacando ultimamente como liderança religiosa e política, não apenas entre o público pentecostal ou evangélico. O pastor elenca como principais inimigos da sociedade e da moral cristã aqueles que supostamente laboram pela dissolução da família nuclear tradicional, como os movimentos feministas e em defesa dos direitos dos homossexuais ou grupos taxados por ele pejorativamente de comunistas. Compreendemos que a associação de Malafaia atua na sociedade civil como um aparelho privado de hegemonia, conforme a conceituação gramsciana, difundindo visões de mundo e conformando um consenso entre seu público. A AVEC intenta também complementar sua atuação na sociedade política, via a atuação de sua bancada eleitoral, que embora habite e dialogue com diversas siglas partidárias, justifica sua existência pela questão religiosa. Serão analisados o programa de televisão apresentado pelo pastor, o Vitória em Cristo, os vídeos do pastor postados no site oficial da associação e algumas notícias veiculadas no site Verdade Gospel que trataram do tema.

Palavras-chave: Silas Malafaia; Família tradicional; Ideologia; Gramsci.



* **JONAS CHRISTMANN KOREN** é Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – Campus de Marechal Cândido Rondon.



Congresso Pentecostal Brasileiro Fogo para o Brasil

Cabe definir conceitualmente o que entendemos por ideologia. Gramsci em seus Cadernos de Cárcere faz uma revisão do conceito de ideologia empregado por Marx. No trecho a seguir, ao comentar sobre os escritos de Croce, Gramsci escreve que esse “comete uma injustiça” ao afirmar que para Marx “as ‘superestruturas’ são aparência e ilusão” (LIGUORI, 2007, p. 83). Na visão gramsciana:

Para Marx, as “ideologias” não tem nada de ilusão e aparência; são uma realidade objetiva e operante, mas não são a mola da história, eis tudo. Não são as ideologias que criam a realidade social, mas é a realidade social, na sua estrutura produtiva, que cria as ideologias. Como Marx poderia ter pensado que as superestruturas são aparência e ilusão? Também suas doutrinas são uma superestrutura. Marx afirma explicitamente que os homens tomam consciência das suas tarefas no terreno ideológico, das superestruturas, o que não é

pequena afirmação de “realidade”: sua teoria pretende precisamente fazer com que um determinado grupo social “tome consciência” das próprias tarefas, da própria força, do próprio dever. Mas ele destrói as “ideologias” dos grupos sociais adversários, que são precisamente instrumentos práticos de domínio político sobre a sociedade restante: ele demonstra como elas são destituídas de sentido, porque em contradição com a realidade efetiva (GRAMSCI *apud* LIGUORI, 2007, p. 83).

Para Gramsci, em Marx a ideologia não é entendida como simples aparência e ilusão. Apesar de não criarem a realidade social, as ideologias são uma “realidade objetiva e operante”. O próprio marxismo, para Gramsci, é uma ideologia que tem a característica fundamental de não estar em “contradição com a realidade”. Em outros termos, ele não “nega as contradições, antes, revela-as e analisa-as” e assim “não se faz passar por algo

acima ou além da história” (Ibidem, p. 83). Para o autor, um erro comum na consideração sobre o valor das ideologias ocorre porque o termo é utilizado para descrever tanto “à superestrutura necessária de uma determinada estrutura”, como para às “elucubrações arbitrárias de determinados indivíduos” (GRAMSCI, 1999, p. 237-238). Ao fazer essa distinção o autor explica que as duas não tem o mesmo valor histórico:

Enquanto são historicamente necessárias, as ideologias têm uma validade que é validade “psicológica”: elas “organizam” as massas humanas, formam o terreno no qual os homens se movimentam, adquirem consciência de sua posição, lutam, etc. Enquanto são “arbitrárias”, não criam mais do que “movimentos” individuais, polêmicas, etc. (nem mesmo estas são completamente inúteis, já que funcionam como o erro que se contrapõe à verdade e a afirma) (Idem).

O segundo sentido do conceito tornou-se exclusivo, modificando e desnaturalizando a análise teórica do conceito de ideologia é reconstruído pelo autor dessa forma: primeiro a ideologia é vista como distinta da estrutura e sem poder de modificar esta. Sendo a estrutura que modifica as ideologias. Em segundo lugar afirma-se que uma determinada solução política é “ideológica” e, assim sendo, insuficiente para modificar a estrutura, “enquanto crê poder modificá-la se afirma que é inútil, estúpida, etc.”. Em decorrência disso, por último, afirma-se que toda ideologia é “‘pura’ aparência, inútil; estúpida, etc.” (Idem). Em outro trecho dos cadernos Gramsci retorna a Marx ao escrever sobre a validade das ideologias historicamente necessárias:

Outra afirmação de Marx é a de que

a persuasão popular tem, com frequência, a mesma energia de uma força material, ou algo semelhante, e que é muito significativo. A análise destas afirmações, creio, conduz ao fortalecimento da concepção de “bloco histórico”, no qual, precisamente, as forças materiais são o conteúdo e as ideologias são a forma, distinção entre forma e conteúdo puramente didática, á que as forças materiais não seriam historicamente concebíveis sem forma e as ideologias seriam fantasias individuais sem as forças materiais (GRAMSCI *apud* LIGUORI, 2007, p. 85).

Gramsci faz uma leitura antideterminista e antieconomicista de Marx, demonstrando que as ideologias, como a persuasão popular, podem ter a “mesma energia de uma força material”, porém, dissociadas dessas forças materiais são apenas “fantasias individuais”. Para Gramsci, o que existe entre infraestrutura e superestrutura é uma articulação necessária e vital, que se apresenta de forma dialética. Assim, a ideologia, como parte da infraestrutura, não se resume a uma leitura idealista, como um combate de ideias dissociadas de sua base material e nem emerge como consequência natural de determinado desenvolvimento produtivo. E deve ser compreendida dentro da análise concreta da luta de classes, através de sua função e eficácia real para agrupar classes, e frações destas, em posições de domínio e de subordinação.

A defesa da “família tradicional” é a base para a maior parte das posições defendidas por Malafaia e sua associação e por esse motivo é uma questão recorrente nas falas do pastor e nas notícias publicadas no Site Verdade Gospel, como é possível ver em uma busca pelo termo “família tradicional”

no site. O discurso analisado a seguir foi realizado pelo Pastor Malafaia em sessão solene em homenagem ao Dia Nacional de Valorização da Família, comemorado em 21 de outubro, na Câmara dos Deputados no dia 20 de novembro de 2012. A pedido do líder do Partido Social Cristão (PSC) na época, o deputado André Moura (SE), o pastor discursou sobre a valorização da família. A sessão solene contou com a presença de parlamentares da bancada evangélica na câmara (Verdade Gospel. 19/11/2012).

O pastor inicia explicando a importância das relações sociais para o desenvolvimento do ser humano e que “a família, como a célula principal da sociedade” é fundamental nesse processo. Nas palavras de Malafaia: “a sua forma de pensar tem haver com que você aprende com o que você retira do convívio social. Então senhores, a família é de vital importância por ser não só a primeira, mas a mais importante agência socializadora”. Em seguida o pastor explica qual seria a sua concepção de família e a forma pela qual essa instituição foi criada:

Quem fez a família foi Deus e Deus, Ele criou normas, estabeleceu normas para o bom andar dessa instituição. Ele cria normas para que o ser humano possa tirar proveito e possa crescer e se desenvolver. O que nós chamamos de família nuclear é o homem a mulher e a sua prole. Isso aqui é a família nuclear, não se assuste com o que eu vou te falar: família é o homem a mulher e seus filhos o resto vira parente (Idem).

O pastor, em sua concepção religiosa e a-histórica, vê na família nuclear uma instituição regida pelas normas divinas e não uma formação social típica de um determinado momento histórico. Mais precisamente, como escreve Eric

Hobsbawm, a família nuclear tornou-se modelo padrão na sociedade ocidental nos séculos XIX e XX quando:

[...] a vasta maioria da humanidade partilhava certo número de características, como a existência de casamento formal com relações sexuais privilegiadas para os cônjuges (o “adultério” é universalmente tratado como crime); a superioridade dos maridos em relação às esposas (“patriarcado”) e dos pais em relação aos filhos, assim como às gerações mais jovens; famílias consistindo em várias pessoas. Coisas assim. Quaisquer que sejam a extensão e a complexidade da rede de parentesco e dos direitos e obrigações mútuas dentro dela, uma família nuclear – um casal com filhos – estava geralmente presente em alguma parte, mesmo quando o grupo ou família co-residente ou cooperante era muito maior (HOBSBAWM, 1995, p. 315).

Seguindo o discurso, o pastor deixa claro que o modelo de família nuclear que defende se baseia na organização patriarcal: “então Deus cria uma organização nessa instituição chamada família, coloca o homem como autoridade”. E apresenta um dos grupos que se opõe a esse modelo de organização: “[...] e de vez em quando tem algumas feministas que se assustam quando a gente fala que a autoridade pertence ao homem e elas não sabem definir o que significa autoridade”. Para o pastor, “O princípio de Deus não é machista é organizacional” (Verdade Gospel. 19/11/2012). O feminismo é visto como um dos grupos cujo objetivo é a destruição da família tradicional. De fato a luta pelos direitos das mulheres visa à superação de um modelo de família baseado na autoridade masculina, porém, na visão do pastor, a destruição da família tradicional está

trazendo consigo o “desarranjo social” (idem):

E agora querem destruir as figuras da família, a desconstrução da heteronormatividade e a desconstrução dessa família nuclear. E nós vamos ver o que vai acontecer nas gerações futuras, o desarranjo social. Porque Deus, como qualquer instituição, ela precisa de organização. Até a quitanda do Seu Manoel se não tiver organização vai pro beleléu (Ibidem).

O papel de autoridade que o homem deve exercer na família, também não é visto como uma questão social, já que, no discurso do pastor, os papéis masculinos e femininos já estão dados naturalmente e são definidos previamente por Deus. De acordo com Malafaia, existem sete princípios de autoridade: “proteção, provisão, promoção, coesão, liderança e visão”. Iremos ignorar o fato de ele apenas ter citado seis. O que nos interessa é que esses princípios são exercidos naturalmente pelo homem em um casamento, enquanto à mulher, “que tem uma percepção emocional fenomenal”, cabe trazer “o equilíbrio das partes” e edificar “a autoridade do homem”. A autoridade é masculina, a mulher “pode solapar e vai tudo pro beleléu”. A questão da naturalidade dos papéis masculinos e femininos é demonstrada de forma mais explícita na matéria publicada no Site Verdade Gospel intitulada “Dilma promove desconstrução da família tradicional nas escolas”. A matéria é sobre como o governo Dilma em uma parceria entre a Secretaria de Políticas para as Mulheres e o Ministério da Educação (MEC) promove entre os estudantes brasileiros o “Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero”, mesmo após a rejeição da Câmara dos Deputados em incluir a

“ideologia de gênero” no Plano Nacional de Educação (PNE). Segundo a matéria, a “ideologia de gênero” é vista pelos deputados católicos e evangélicos como “uma tática de grupos progressistas” para “começar a doutrinar crianças e jovens contra a família natural” no sistema escolar (Verdade Gospel, 07/10/2014). Segundo a matéria:

A Ideologia de Gênero ensina que os papéis naturais desempenhados pelos homens e mulheres são, na verdade, criações da sociedade. Assim, meninos podem se vestir como meninas e vice-versa. A ideologia de gênero estimula essas experiências (Idem).

Voltando ao discurso da câmara, o pastor fala sobre a importância da família no desenvolvimento do ser humano e sobre como o exemplo e autoridade dos pais são essenciais nesse processo. Para o pastor a falta de punições físicas e ausência dos pais é outro motivo pela qual a família nuclear está sendo destruindo a família e por isso a “sociedade está desarranjada” (Verdade Gospel. 19/11/2012). Em seguida apresenta uma pesquisa que, segundo ele, prova que a sociedade se sustenta na família tradicional, obviamente heterossexual, e mostra que suas opiniões são baseadas em pesquisas sociológicas e antropológicas e não apenas na teologia:

Um sociólogo francês, não é evangélico não, viu gente, chamado George Gilder, um PHD em sociologia. Ele pesquisou mais de duas mil culturas no mundo, chegou à conclusão que apenas cinquenta e cinco eram unissexuais, não havia papel definido de macho e fêmea. Essas culturas rapidamente se destruíram. Qual é a conclusão que George Gilbert chega? Nenhuma sociedade é mais forte do que os laços de suas famílias

(aplausos). A primeira. A segunda conclusão: a fortaleza das suas famílias depende das relações heterossexuais. Nenhuma sociedade é mais forte do que os laços de suas famílias e a fortaleza das suas famílias dependem das relações heterossexuais. Querido, eu não estou falando de teologia, eu estou falando de sociologia, eu estou falando de antropologia. Toda história da sociedade humana está sustentada em um homem, uma mulher e sua prole. Toda história da raça humana está sustentada nisso. Querem trocar, querem mudar, então nós vamos ver onde vai chegar a sociedade. Querem quebrar isso, então nós vamos ver onde vai chegar a sociedade (Idem).

George Gilder, que não é francês e nem sociólogo, embora tenha publicado livros na área de sociologia, é um investidor e economista norte americano, famoso por escrever os discursos para o presidente Richard Nixon, e autoproclamado "*America's number-one antifeminist*" (Antifeminista número um da América) (FALUDI, 2009 p. 295). Gilder escreveu o livro *Sexual Suicide* (1973), revisado e reeditado com nome de *Men and Marriage* (1986), onde defende que os "homens são sexualmente inferiores" às mulheres, porém "são superiores no trabalho e nos grandes empreendimentos criativos fora do círculo familiar". Fato que para o autor "tem sido verdade em toda a história humana e sempre será verdadeiro" e negá-lo é "perverso e destrutivo", uma vez que os "homens têm um papel absolutamente central na sociedade que é proporcional, ainda que diferente, o papel familiar de mulheres"¹. Essas

¹ "...men are inferior sexually...but they are superior in the workplace and in the great creative ventures outside the family circle. This has been true throughout human history and

opiniões, entre outras renderam ao autor o prêmio da Revista Time de "*Male Chauvinist Pig of the Year*" (Porco Chauvinista Masculino do Ano) (OCALA STAR-BANNER, 1981).

Esse é o autor escolhido por Malafaia para justificar "sociologicamente" sua visão de que a toda a história da humanidade está sustentada na família nuclear tradicional, formada por homem e mulher, cada um desempenhando um papel natural estabelecido por Deus. E uma vez que se acredita que "toda história da raça humana está sustentada" nessa instituição, a sua destruição, do ponto de vista do pastor, causa dúvidas quanto ao destino de nossa sociedade. O pastor ignora qualquer processo histórico que de alguma forma esteja modificando a configuração de família nuclear e assume que a "destruição" da família se deve a ação de grupos progressistas, como os defensores dos direitos dos homossexuais.

A família nuclear tradicional realmente enfrenta uma crise, porém, essa crise não é recente e não é consequência unicamente da ação de movimentos civis por direitos dos homossexuais ou de liberação feminina, embora também seja relevante nesse processo. Como escreve Hobsbawm, na segunda metade do século XX, esses arranjos básicos familiares começam a "mudar com grande rapidez, pelo menos nos países ocidentais 'desenvolvidos', embora de forma desigual mesmo dentro dessas regiões" (Hobsbawm, 1995. p. 315).

always will be true. The denial of it is perverse and destructive because men do have an absolutely central role in society that is commensurate with, yet different from, the familial role of women". GILDER, George. Freedom From Welfare Dependency. Religion & Liberty. Disponível em: <http://www.acton.org/pub/religion-liberty/volume-4-number-2/freedom-welfare-dependency>. Acessado em: 01/07/2015.

Essas transformações fazem parte do processo que o autor chama de “revolução cultural” que atingiu primeiramente e com maior força as “economias de mercado industriais urbanizadas dos velhos núcleos capitalistas”, contudo, as forças econômicas e sociais desencadeadas no fim do século XX também transformaram os países do “terceiro mundo” (Idem. p. 336). Dentre as causas dessa revolução cultural temos a diminuição do campesinato e a migração para os centros urbanos (Ibidem. p. 328). O crescimento de ocupações que exigiam formação secundária e superior (Ibidem. p. 284). E a maior participação das mulheres no mercado de trabalho (Ibidem. p. 304). Conforme Hobsbawm:

A entrada em massa de mulheres casadas – ou seja, em grande parte mães – no mercado de trabalho e a sensacional expansão da educação superior formaram o pano de fundo, pelo menos nos países ocidentais típicos, para o impressionante florescimento dos movimentos feministas a partir da década de 1960 (Ibidem. p. 305).

Embora esses movimentos pertencessem, essencialmente, ao ambiente da classe média educada, o autor acredita que “é provável que na década de 1970, e, sobretudo, na de 1980, uma forma política e ideologicamente menos específica de consciência feminina se espalhasse entre as massas do sexo”. Mesmo que a os motivos pelos quais as mulheres em geral, sobretudo as casadas, entraram no mercado não tenha tido necessariamente relação com sua visão da posição social e dos direitos das mulheres, podendo ser por motivos de pobreza, ou de preferência dos patrões por operárias, “por serem mais baratas e mais dóceis, ou simplesmente ao crescente número –

sobretudo no mundo independente – de famílias chefiadas por mulheres”, “são inegáveis os sinais de mudanças significativas, e até mesmo revolucionárias, nas expectativas das mulheres sobre elas mesmas, e nas expectativas do mundo sobre o lugar delas na sociedade” (Ibidem. p. 304-306).

Essa mudança do papel das mulheres na sociedade é sentida no aumento de divórcios, de pessoas vivendo sós e de famílias chefiadas por mulheres, além da diminuição no desejo de ter filhos. Esse período também é um momento de “liberação tanto para heterossexuais (isto é, sobretudo para as mulheres, que gozavam de muito menos liberdades que os homens) quanto para os homossexuais, além de outras formas de dissidência cultural-sexual” (Ibidem. p. 315-316). Além disso, o aumento de uma cultura juvenil específica, indicava uma profunda mudança na relação entre as gerações (Ibidem. p. 317). Essa crise da família estava relacionada com mudanças bastante dramáticas nos padrões públicos que governam a conduta sexual, a parceria e a procriação (Ibidem. p. 316). Dessa forma, para o autor:

Cálculo racional e desenvolvimento histórico pareciam apontar na mesma direção que vários tipos de ideologias progressistas, incluindo as que criticavam a família tradicional por perpetuar a subordinação da mulher ou dos filhos e adolescentes, ou com base em argumentos libertários mais gerais (Ibidem).

O pastor ignora qualquer processo histórico que de alguma forma esteja modificando a configuração de família nuclear e assume que a “destruição” da família se deve a ação de feministas, ativistas homossexuais e a atores políticos que compactuam com essas

causas.

Demonstrar que suas posições estão baseadas na ciência e não apenas na teologia e que as conclusões dos estudos citados vão ao encontro com seus princípios cristãos é uma forma de tornar o seu discurso relevante para toda a sociedade e não apenas para o público evangélico. Da mesma forma, é uma excelente estratégia política, uma vez que usa como base de argumentação conhecimentos característicos e mobilizados cotidianamente no senso comum. Ao realizar isso atua ideologicamente e, nos termos de Gramsci, dificulta a passagem do senso comum ao bom senso. Em sentido não muito diverso, ao divinizar, naturalizar e absolutizar questões e comportamentos que são históricos e sociais, inviabiliza qualquer possibilidade de questioná-los.

Referências

FALUDI, Susan. Backlash: The Undeclared War Against American Women. Crown/Archetype. 2009.

GRAMSCI, Antonio, 1891-1937 Cadernos do cárcere, volume 1 / Antonio Gramsci; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. — Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

HOBBSBAWN, E. Era dos extremos. O breve século XX - 1914, 1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LIGUORI, Guido. Roteiros para Gramsci. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

REV. LOUIS P. SHELDON. Disponível em: http://www.traditionalvalues.org/data/sites/73/pdfs/bio_rev_lou_sheldon.pdf Acessado em: 06/06/2015.

Verdade Gospel. Dia Nacional de Valorização da Família. Site Verdade Gospel. 19/11/2012. Disponível em <http://www.verdadegospel.com/nesta-terca-feira-pr-silas-discursara-pela-valorizacao-da-familia-confira/> Acessado em: 10/06/2015.

Verdade Gospel. Dilma promove desconstrução da família tradicional nas escolas. Site Verdade Gospel. 07/10/2014. Disponível em: <http://www.verdadegospel.com/dilma-promove-desconstrucao-da-familia-tradicional-nas-escolas/> Acessado em: 10/06/2015.